

Exportações brasileiras de produtos agrícolas e mudanças na demanda mundial de alimentos

*Maria Auxiliadora de Carvalho*¹

*César Roberto Leite da Silva*²

*Afonso Negri Neto*³

Resumo

Nas últimas décadas os hábitos alimentares da população mundial vêm sendo afetados por um conjunto de preocupações relacionadas à saúde, obesidade e meio ambiente bem como por variáveis sociais como aumento da longevidade, maior participação da mulher no mercado de trabalho e maior número de pessoas que vivem sozinhas. Esses fatores afetam a demanda de alimentos, com reflexos sobre o comércio internacional. O objetivo deste trabalho é confrontar o desempenho das exportações brasileiras de produtos agrícolas às tendências da demanda internacional. O modelo adotado permitiu concluir que a maior parte do valor das exportações brasileiras refere-se a produtos cuja demanda mundial está em declínio. Produtos que vêm mostrando tendência de expansão da demanda mundial mantiveram pequena expressão nas exportações brasileiras, resultando em perda de competitividade.

Palavras-chave: Comércio internacional; Exportações agrícolas; Demanda mundial de alimentos.

Abstract

During the last two decades human diet has become affected for a group of concerns related to the health, obesity and environment as well as for social variables as longevity increase, woman's larger participation in the job market and larger number of people that live alone. Those factors affect food demand with reflexes on the international trade. This paper analyzes the implications of these tendencies on trade from 1980 to 1998. The model confronts Brazilian agricultural exports tendencies to international demand and it allowed to conclude that most of the Brazilian exports value refers to products whose world demand declines. Products whose world demand has had increased maintained small expression in the Brazilian exports, resulting in loss of competitiveness.

Key words: International trade; Agricultural exports; Food world demand.

JEL F14, N56, Q17.

Introdução

Nas últimas décadas, a despeito das tradicionais vantagens comparativas, a agricultura dos países menos desenvolvidos perdeu competitividade. De uma

(1) Pesquisadora do Instituto de Economia Agrícola. E-mail: <macarvalho@iea.sp.gov.br>.

(2) Pesquisador do Instituto de Economia Agrícola/Professor do Programa de Pós-Graduação em Economia Política da PUCSP. E-mail: <crlsilva@iea.sp.gov.br>.

(3) Pesquisador do Instituto de Economia Agrícola. E-mail: <afonsonegrineto@iea.sp.gov.br>.

participação de 40,7% nas exportações mundiais entre 1961-63, passaram a participar com 29,7% na média do período 1996-98.⁴ Parte desse fraco desempenho pode ser explicada pelas diferenças na condução das políticas públicas (Carvalho, 1998).

Enquanto a agricultura dos países desenvolvidos contava com volumes crescentes de recursos públicos, nas economias mais pobres a crise econômica iniciada na década de 1970 desarticulou as políticas setoriais, forçando-as a um longo período de ajustamentos com elevados custos sociais. Para as nações endividadadas, o ajustamento foi ainda mais traumático porque a crise resultou em forte estrangulamento externo, dificuldades para estabilizar a economia e grave crise fiscal do Estado.

Dentre os menos desenvolvidos o Brasil não foi exceção. Com a sucessão de dificuldades que teve início na crise do petróleo e culminou na crise da dívida externa, o Estado brasileiro passou a enfrentar fortes constrangimentos sendo forçado a abandonar suas estratégias desenvolvimentistas e se voltar para políticas de curto prazo. Para o setor agrícola, que desde meados da década de 1960 era sustentado pelo programa de modernização, calcado no crédito rural subsidiado e no intenso uso de insumos, os ajustamentos implicaram passar para uma etapa em que se alternam maior e menor disponibilidade de recursos, com ênfase nos objetivos de curto prazo e nítida tendência de redução de apoio público.⁵

Diante do protecionismo dos países ricos e da insuficiência de suporte público, a agricultura brasileira perdeu capacidade de competição, em particular a partir de 1978, período em que, mesmo produtos que apresentaram ganhos expressivos de produtividade, reduziram sua participação no mercado internacional (Carvalho, 1996).

Na atualidade o país voltou a enfrentar sérias dificuldades em suas relações econômicas com o resto do mundo. A maior abertura econômica seguida da valorização da moeda nacional induziu o rápido acúmulo de passivo externo cujo pagamento exigirá enorme esforço de transferência líquida de recursos no futuro próximo. De 0,31% do PIB em 1994 o déficit em transações correntes ultrapassou 4% do PIB entre 1997 e 1999. Isso implica que, para não aumentar sua vulnerabilidade, o país deverá gerar saldos comerciais suficientes, pelo menos, para pagar os juros decorrentes desse endividamento.

A despeito da perda de competitividade, a agricultura ainda é o setor que apresenta maiores vantagens comparativas e é de se prever que se mantenha como

(4) Pelos dados da FAO, entre 1961 e 1998, a participação dos menos desenvolvidos nas importações cresceu à taxa de 1,2% a.a., enquanto as exportações se retraíram em 1,0% a.a. Nos países desenvolvidos a taxa de crescimento da participação nas exportações foi de 0,5% a.a. contra decréscimo de 0,4% a.a. nas importações agrícolas.

(5) No Brasil, por algum tempo, a política de preços mínimos representou importante instrumento de apoio ao setor, em substituição à política de crédito subsidiado. A partir do final dos anos 1980 ela também perdeu expressão.

importante fonte de divisas para o país. Isso porque, mesmo na etapa em que o comércio exterior brasileiro apresentou déficits comerciais crescentes, a agricultura foi capaz de prover saldos expressivos, superando US\$ 10 bilhões a partir de 1994 e em torno de US\$ 12 bilhões entre 1997 e 1999.⁶

Para melhor aproveitamento dessas vantagens comparativas é necessário identificar as tendências da demanda mundial e dispor de uma estratégia de exportação capaz de aproveitar as oportunidades e contornar os empecilhos colocados pelo protecionismo dos países desenvolvidos. Esse trabalho tem o propósito de contribuir com um diagnóstico do mercado de alimentos que venha a subsidiar a formulação dessa estratégia.

O trabalho foi subdividido em duas etapas. A primeira busca identificar na literatura econômica recente as tendências de mudanças no mercado de alimentos e seus efeitos sobre as trocas internacionais de produtos agrícolas. A segunda visa verificar se as exportações brasileiras espelham as novas tendências.

1 Mudanças no mercado de alimentos

Para populações muito pobres, as raízes e tubérculos constituem importantes, podendo ser principal, fonte de alimentos e renda. À medida que a renda cresce as pessoas passam a depender mais de cereais e, num estágio mais avançado de renda, os produtos de origem animal ganham maior relevância na alimentação (Pinstrup-Andersen; Pandya-Lorch; Rosegrant, 2000). Essa seqüência pode ser observada na experiência histórica da maioria das nações mais ricas do mundo e, para alguns autores, vem se repetindo nas nações em desenvolvimento cuja renda per capita vem crescendo nas últimas décadas.

Historicamente os animais disputam alimentos com o homem⁷. No entanto, o crescente consumo de produtos pecuários transforma os animais em intermediários na disputa por alimentos entre homens de diferentes níveis de renda. Esse aspecto foi ressaltado por Yatopoulos (1985) para quem a alimentação de pobres e ricos é basicamente a mesma. A diferença é que os pobres consomem os próprios cereais enquanto os ricos consomem cereais transformados em produtos animais. Disso conclui que a maior produção de animais para consumo dos ricos implica redução da oferta de alimentos para as populações mais pobres do mundo.

Ressalte-se que a evolução do consumo das nações de renda mais elevada sofreu uma mudança de direção a partir da década de 1970. Uma das causas é a

(6) Calculado a partir de dados do SECEX/DECEX agregando-se os valores dos capítulos que englobam produtos agrícolas primários e processados.

(7) A cadeia produtiva da alimentação animal (ração) tem suas fontes de ingredientes na agricultura (volumoso, energético e protéico), na indústria extrativa (minerais) e na indústria química (vitaminas, aminoácidos e aditivos). A ração viabiliza a conversão de proteína vegetal em proteína animal. Os grãos mais utilizados como ração são soja e milho (Nogueira et al. 1997).

obesidade, doença que hoje aflige grande parte da humanidade.⁸ Além disso, pesquisas que associam determinadas propriedades dos alimentos a doenças cardíacas e câncer, como é o caso do consumo de gorduras saturadas, levaram a uma preferência decrescente por carnes vermelhas, ovos, leite integral, entre outros, enquanto cresce o consumo de carboidratos e fibras (Finke; Tweeten; Chern, 1996). Frutas, legumes e hortaliças, que até há pouco tempo eram considerados complementares na alimentação em relação aos produtos pecuários, passaram a merecer lugar de destaque na dieta (Scandizzo, 1998).

Schluter; Lee e Leblank (1998), analisando o caso dos Estados Unidos concluem que, em média, cada americano consome hoje uma e meia vezes o volume de grãos e 1/5 a mais de frutas, legumes e hortaliças que consumia em 1970. O consumo per capita de carne vermelha caiu 15% entre 1970 e 1996, enquanto o consumo de carne de aves cresceu 90%.

Ressalte-se que algumas das associações entre alimentos e doença devem-se às próprias propriedades do alimento, como é o caso de carnes vermelhas e gorduras saturadas. No entanto as preocupações se estendem também aos resíduos de defensivos agrícolas, condições de conservação, transformações genéticas, bem como os efeitos da exploração intensiva dos recursos naturais sobre o meio ambiente e seus possíveis impactos sobre a vida na terra.

Nos países em desenvolvimento essas preocupações já afetam o consumo das pessoas de maior poder aquisitivo, que têm padrão de consumo semelhante a quem vive nos países de renda elevada.⁹ No entanto, grande parte da população ainda se encontra na etapa de consumo de raízes ou grãos, quando o acréscimo de produtos de origem animal à dieta adiciona benefícios em termos de nutrição sem, pelo menos por enquanto, provocar problemas de saúde (Pinstrup-Andersen; Pandya-Lorch; Rosegrant, 2000).

Cabe destacar que embora a despesa com alimentos per capita nas economias pobres seja inferior à das nações desenvolvidas, há algumas décadas a diferença vem se reduzindo. Em parte isso se deve ao crescimento econômico mais acelerado das nações em desenvolvimento (Pinstrup-Andersen; Pandya-Lorch; Rosegrant, 2000; Cranfield et al., 1998). Sabe-se, pela Lei de Engel, que à medida que a renda cresce as despesas com alimentação aumentam em valor absoluto enquanto diminui sua importância relativa na despesa total. Então, se o padrão de consumo dos países desenvolvidos serve de indicação para o futuro dos em desenvolvimento, é de se prever uma forte tendência de crescimento na

(8) Finke; Tweeten e Chern (1996) mencionam que, apesar da redução do consumo de muitos alimentos ricos em colesterol e gorduras saturadas, durante a década de 1980, nos Estados Unidos a população adulta ganhou, em média, 3,6 kg de peso corporal e teve crescimento de 8,8% dentre os classificados como obesos. Citando Wolf e Colditz (1994) afirmam que a obesidade cria custos diretos e indiretos de saúde estimados em US\$ 68,8 bilhões por ano.

(9) As pesquisas mostram que hoje, tanto nos países mais avançados como nos em desenvolvimento, o consumidor busca encontrar variedade, qualidade, segurança, conveniência e nutrição nos alimentos.

demanda por alimentos nesses países, até porque, além do maior crescimento econômico, observado nas últimas décadas, as economias em desenvolvimento tradicionalmente apresentam crescimento populacional mais elevado.

Pelas previsões de alguns pesquisadores do International Food Policy Research Institute (IFPRI), em 2020 a população mundial será de 7,5 bilhões de pessoas, com acréscimo de 73 milhões a partir de 1995. Destacam que 97,5% desse incremento populacional deve se dar nos países menos desenvolvidos, cuja participação na população global deve passar de 79% para 84% (Pinstrup-Andersen; Pandya-Lorch; Rosegrant, 2000).

Para 2020 as previsões indicam 39% de crescimento da demanda global de cereais, 37% por raízes e tubérculos e 58% na demanda por carne. Essas previsões elevadas tiveram por base as expectativas de crescimento populacional, de maior urbanização, de crescimento da renda e de mudanças no estilo de vida e dos hábitos alimentares da população mundial (Pinstrup-Andersen; Pandya-Lorch; Rosegrant, 2000).

Para esses autores, a maior parte do crescimento na demanda por alimentos de origem animal vem dos países menos desenvolvidos que, entre 1970 e 1990, tiveram o consumo de carne, ovos e leite acrescido de 50%. Essas tendências foram identificadas também nos trabalhos de Delgado et al. (2000) e Cranfield et al. (1998). Como as evidências apontavam para continuidade desse processo, Delgado et al. (2000) acreditam que está em curso uma verdadeira revolução na agricultura, que denominaram “*Livestock Revolution*”,¹⁰ com fortes implicações em termos de saúde, meio ambiente e abastecimento para o futuro da humanidade.

Acrescente-se que algumas variáveis de ordem social também vêm apresentando efeito significativo sobre as transformações no consumo de alimentos no mundo. Dentre elas cabe destacar o expressivo aumento do número de pessoas que vivem sozinhas, o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, o crescimento da renda familiar e o envelhecimento da população, fatores que levaram à maior busca de produtos prontos para o consumo.

Do ponto de vista econômico as implicações de todas essas mudanças são de difícil previsão. Há algum tempo economistas passaram a incorporar variáveis referentes a preocupações com saúde e nutrição às análises da demanda de alimentos. O mercado de carnes, em particular, tem sido objeto de muita pesquisa a respeito (Wang; Fletcher; Carley, 2000; Flake; Patterson, 2000; Moon; Ward, 2000).¹¹

(10) A idéia está associada à Revolução Verde mas, enquanto esta teve sua origem na oferta, resultado de mudança tecnológica na produção, a “*Livestock Revolution*” provém da demanda crescente dos países menos desenvolvidos por produtos de origem animal.

(11) Wang; Fletcher e Carley (2000) por exemplo, ao analisar os determinantes da demanda por carne bovina concluem que os consumidores estão dispostos a pagar mais por menor nível de gordura na carne.

No passado dava-se destaque ao aspecto quantitativo, talvez porque gerar oferta suficiente de alimentos fosse questão mais urgente. Hoje os aspectos qualitativos ganharam maior expressão, até porque já se produz alimento suficiente para alimentar toda a população mundial e poderia produzir mais (Nações Unidas. FAO, 2000). Os problemas são de outra natureza e envolvem múltiplos aspectos. De interesse particular para o Brasil são os riscos e oportunidades que se abrem nas trocas internacionais.

Historicamente a agricultura tem sido protegida nos países desenvolvidos, mas o grau de proteção para grãos tem sido maior que para outros alimentos. Acrescente-se que, pelo menos no curto prazo, as chances de reversão significativa desse protecionismo são muito reduzidas.¹² Essa constatação é importante para que se possa definir uma estratégia mais agressiva de inserção no mercado internacional. Na impossibilidade de enfrentar a concorrência dos subsídios no mercado de grãos, a melhor alternativa é contornar essa dificuldade e buscar mercados mais livres.

Um fato marcante é que os mercados mais livres parecem ser também os mais promissores. Uma pesquisa de Coyle et al. (1998), que teve por objetivo identificar os fatores determinantes das mudanças no mix de alimentos comercializado no mercado internacional, contém esclarecimentos úteis a esse respeito. Concluem que no topo da lista está a preferência do consumidor, seguida por diferenças na acumulação de fatores entre países. Mudanças na eficiência do transporte ficam em terceiro lugar e alterações na política tendem a ter mais importância para o comércio de grãos que para produtos de maior valor adicionado.¹³

Concluindo, uma vez que a demanda está em primeiro lugar dentre os determinantes do comércio, se o Brasil pretende aumentar sua competitividade precisa traçar uma estratégia em conformidade com os interesses dos consumidores. Este trabalho se propõe a contribuir para isso apresentando, no próximo tópico, um diagnóstico que identifica o grau de aderência de suas exportações às tendências da demanda mundial de alimentos.

2 Desempenho da agricultura brasileira no mercado internacional

A análise empírica desenvolvida neste trabalho baseia-se no modelo apresentado por Fajnzylber (1991) e formalizado por Mandeng (1991), onde a

(12) Esse tema esteve em discussão na Rodada Uruguai do GATT, mas resultou em pequena redução do protecionismo. Em novembro de 1999 o tema deveria ter voltado à mesa de negociações multilaterais, em Seattle, mas acabou sendo uma das causas do seu fracasso (Jogo duro..., 2000; Amorim, 2000).

(13) Foi analisado o comércio internacional no período 1980-95. Os autores admitem que o protecionismo no mercado de grão pode explicar parte do pequeno crescimento das importações nos anos recentes.

competitividade é avaliada a partir das variações da participação dos países nas importações da OCDE.¹⁴

O presente trabalho trata exclusivamente de produtos agrícolas e o propósito é avaliar o desempenho das exportações brasileiras.¹⁵ A adaptação do modelo aos dados procedentes da FAO (FAOSTAT Database) para a agricultura brasileira nos permite relacionar o desempenho do país no mercado internacional ao do resto do mundo.

Denominando s_i à participação das importações mundiais do produto i (M_i) nas importações mundiais de todos os produtos agrícolas (M), se $\Delta s_i \geq 0$ significa que a participação de i nas importações mundiais cresceu no período. Naturalmente se $\Delta s_i < 0$ a participação do produto é descendente. Denominando s_{ij} à participação das exportações do produto i do país j (X_{ij}) nas importações mundiais do produto i (M_i), se $\Delta s_{ij} \geq 0$ significa que entre o período inicial e final o país j tornou-se mais competitivo no mercado de i . Se $\Delta s_{ij} < 0$ o país j perdeu competitividade. Combinando Δs_i e Δs_{ij} resultam 4 situações possíveis:

- (1) Situação ótima: o produto aumenta sua participação nas importações mundiais ($\Delta s_i \geq 0$) enquanto aumenta a participação do país no seu comércio ($\Delta s_{ij} \geq 0$);
- (2) Situação de oportunidades perdidas: o produto aumenta sua participação nas importações mundiais ($\Delta s_i \geq 0$) enquanto diminui a participação do país no seu comércio ($\Delta s_{ij} < 0$);
- (3) Situação de vulnerabilidade: o produto diminui sua participação nas importações mundiais ($\Delta s_i < 0$) enquanto aumenta a participação do país no seu comércio ($\Delta s_{ij} \geq 0$); e
- (4) Situação de retrocesso: o produto diminui sua participação nas importações mundiais ($\Delta s_i < 0$) enquanto diminui a participação do país no seu comércio ($\Delta s_{ij} < 0$);

Tomando-se por base a média do período 1978-82 e comparando com o desempenho médio no período 1993-97 obteve-se os resultados que estão sintetizados na Figura 1 e Tabela 1. Observe-se que a escolha dos produtos teve por base sua importância relativa nas exportações agrícolas brasileiras na média do período 1993-97. Assim, os 29 produtos listados corresponderam a cerca de 94% do valor das exportações. Dessa classificação já fica evidente a pequena relevância na pauta de exportação brasileira de muitos dos produtos recomendados na dieta contemporânea. É o caso de frutas, legumes e peixes, que nem sequer aparecem

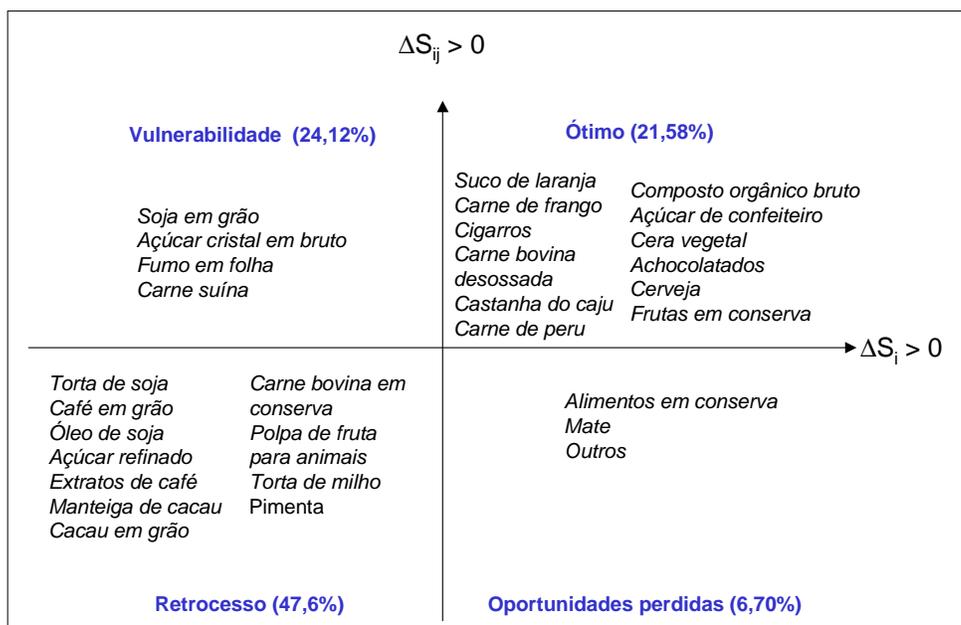
(14) A análise envolve todas as exportações dos países selecionados buscando identificar os produtos (ou grupos deles) que ganharam (perderam) competitividade no mercado da OCDE.

(15) O modelo foi empregado recentemente pelo IEDI (2000) para análise do desempenho do comércio exterior brasileiro e de vários outros países, no período 1982-98 a 3 dígitos segundo a classificação STIC (Standard Trade International Classification). Uma versão onde a parte empírica foi desenvolvida para 16 grupos de produtos agrícolas foi encaminhada para o XXXVIII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural.

entre os 29 produtos de maior participação nas exportações e foram englobados na categoria Outros (Tabela 1).

A análise por produto permite constatar que poucos foram classificados como oportunidades perdidas pelo país, ou seja, o mundo aumentou suas importações enquanto o Brasil reduziu suas exportações relativas. São eles: alimentos em conserva, mate e outros, sendo que todos são produtos de importância reduzida no valor das exportações agrícolas brasileiras. Na média do período 1993-97, perfizeram 6,70%, sendo 6,09% referente aos produtos que, por pequena relevância, foram classificados como Outros (Figura 1).

Figura 1
Classificação dos produtos mais importantes da pauta agrícola, Brasil, 1978-97



No período analisado, 12 produtos encontraram-se em situação ótima: suco de laranja, carne de frango, cigarros, carne bovina desossada, castanha do caju, carne de peru, composto orgânico bruto, açúcar de confeitiro, cera vegetal, achocolatados, cerveja e frutas em conserva. Embora em grande número, representam relativamente pouco, 21,58% do valor das exportações na média do período 1993-97.

Mais de 70% do valor das exportações agrícolas brasileiras referem-se a produtos em que a demanda mundial está em declínio e caracterizam as situações de vulnerabilidade e retrocesso. A situação de vulnerabilidade é a mais grave e significa crescimento da participação brasileira quando as importações mundiais encontram-se em queda. Nessa categoria se enquadram soja em grão, açúcar

crystal em bruto, fumo em folha e carne suína. Com exceção de carne suína, que tem importância mínima no comércio do país, os demais estão entre os 6 primeiros colocados, representando participação em torno de 24% do valor das exportações agrícolas brasileiras.

Tabela 1
Indicadores de competitividade da agricultura brasileira, principais produtos, 1978-1997⁽¹⁾

Grupo	Classe	c _{ij} ⁽²⁾		Δc _{ij}	s _i ⁽³⁾		Δs _i	k _{ij} ⁽⁴⁾		Δk _{ij}
		1995	Acumul.		1978-97	1995		1978-97	1995	
Torta de soja	Retrocesso	16,93	16,93	-7,09	1,67	-0,12	10,13	5,19		
Café em grão	Retrocesso	14,68	31,61	-38,62	2,66	-0,47	5,52	16,36		
Soja em grão	Vulnerabilidade	9,82	41,43	214,35	2,09	-0,34	4,70	378,02		
Suco de laranja	Ótimo	8,03	49,46	49,36	0,15	0,20	52,50	24,41		
Açúcar cristal em bruto	Vulnerabilidade	7,59	57,05	26,34	1,45	-0,61	5,25	226,97		
Fumo em folha	Vulnerabilidade	6,46	63,51	58,68	1,52	-0,19	4,24	96,64		
Óleo de soja	Retrocesso	5,31	68,82	4,01	0,77	-0,09	6,92	14,71		
Carne de frango	Ótimo	4,67	73,49	95,31	1,29	0,58	3,62	23,59		
Açúcar refinado	Retrocesso	3,11	76,60	5,09	1,33	-0,18	2,34	27,41		
Cigarros	Ótimo	2,98	79,58	2.240,754	2,69	1,35	1,11	954,145		
Extratos de café	Retrocesso	2,86	82,44	-24,69	0,38	-0,09	7,54	-17,30		
Carne bovina em conserva	Retrocesso	2,07	84,50	-16,09	0,27	-0,30	7,62	19,95		
Carne bovina desossada	Ótimo	1,68	86,18	99,41	2,06	0,56	0,82	27,55		
Castanha do caju em casca	Ótimo	1,06	87,24	50,05	0,15	0,71	7,10	-12,45		
Composto orgânico bruto	Ótimo	0,89	88,13	96,02	4,17	0,37	0,21	42,92		
Polpa de fruta para animais	Retrocesso	0,87	89,01	11,81	0,07	-0,23	13,04	45,61		
Manteiga de cacau	Retrocesso	0,69	89,70	-54,87	0,34	-0,17	2,03	-45,81		
Açúcar de confeiteiro	Ótimo	0,57	90,27	144,87	0,79	1,04	0,72	20,07		
Cacau em grão	Retrocesso	0,43	90,70	-89,62	0,62	-0,54	0,69	-77,25		
Cera vegetal	Ótimo	0,38	91,08	75,90	0,02	0,24	22,93	41,59		
Pimenta	Retrocesso	0,36	91,44	-46,14	0,12	-0,03	2,92	-44,30		
Subprodutos de cacau	Ótimo	0,36	91,80	146,92	1,49	1,23	0,24	10,75		
Cerveja	Ótimo	0,35	92,14	734,10	0,98	1,15	0,35	287,71		
Frutas em conserva	Ótimo	0,34	92,48	273,08	1,01	0,11	0,33	234,85		
Alimentos em conserva	Oport. perdida	0,34	92,82	-8,18	2,90	1,58	0,12	-64,36		
Torta de milho	Retrocesso	0,29	93,11	0,63	0,03	-0,67	10,30	204,67		
Carne de peru	Ótimo	0,28	93,39	2.707,23	0,22	4,65	1,27	397,13		
Mate	Oport. perdida	0,28	93,67	-0,09	0,02	0,19	17,84	-15,88		
Carne suína	Vulnerabilidade	0,24	93,91	547,17	1,18	-0,08	0,20	601,73		
Outros	Oport. perdida	6,09	100,00	-48,03	0,03	0,00	0,09	-48,08		

⁽¹⁾ Médias dos períodos 1978-82 e 1993-97. Os dados originais referem-se às importações mundiais (M) e exportações brasileiras (X_i) dos i = 1, 2, ... 16 grupos de produtos selecionados.

⁽²⁾ c_{ij} = (X_{ij}/X_j).100

⁽³⁾ s_i = (M_i/M).100

⁽⁴⁾ k_{ij} = (c_{ij}/s_i).100

Fonte de dados básicos: FAOSTAT Database.

Foram classificados como em retrocesso 11 produtos da pauta de exportação agrícola do Brasil. São eles, pela ordem de importância: torta de soja, café em grão, óleo de soja, açúcar refinado, extratos de café, carne bovina em conserva, polpa de frutas para animais, manteiga de cacau, cacau em grão, pimenta e torta de milho e representaram, no conjunto, 47,6% do valor das exportações agrícolas entre 1993 e 1997. Destaque-se que apenas os dois primeiros representaram quase 1/3 do valor total.

Um aspecto que implica vulnerabilidade externa de um país é a dependência de poucos produtos como fonte de divisas. No caso brasileiro, mais de $\frac{3}{4}$ do valor das exportações agrícolas brasileiras procedem de apenas nove produtos. Destes, apenas dois deles, suco de laranja e carne de frango, foram classificados na situação ótima, além de se enquadrarem nas recomendações para uma boa nutrição. Os demais, produtos tradicionais da pauta de exportação brasileira, registraram situação de retrocesso ou vulnerabilidade (Tabela 1)..

A razão entre a contribuição do produto para as exportações nacionais (c_{ij}) e a correspondente participação nas importações mundiais (s_i) define o indicador k_{ij} . Se $k_{ij} > 1$ (isto é $c_{ij} > s_i$) significa que o país j se especializa na exportação de i . Na média do período 1993-97, dos 29 produtos considerados para o caso brasileiro, os resultados mostraram especialização em 20 deles.

Quando se analisa as variações de k_{ij} pode-se observar as tendências de aproximação ($\Delta k_{ij} \geq 0$) ou distanciamento ($\Delta k_{ij} < 0$) do mercado mundial. Nesse particular o Brasil tem razões para otimismo. Os resultados mostraram que entre as médias dos períodos 1978-82 e 1993-97 houve distanciamento das tendências mundiais para os seguintes produtos: extratos de café, castanha do caju em casca, manteiga de cacau, cacau em grão, pimenta, alimentos em conserva, mate e outros. No entanto, em termos de valor esses produtos são pouco expressivos, representando cerca de 12% das exportações agrícolas. A maioria apresentou tendência de aproximação à demanda mundial, embora nem sempre suficiente para viabilizar aumento de competitividade no mercado internacional (Tabela 1, última coluna).

Considerações finais

As últimas décadas foram marcadas por algumas mudanças importantes que afetaram o mercado global de alimentos. Nos países mais desenvolvidos destaque-se as preocupações com saúde e boa forma que induziram mudanças na dieta humana resultando em crescimento do consumo de legumes, verduras, frutas e carnes brancas, e redução significativa da demanda de ovos, carnes vermelhas e gorduras saturadas. Nos países menos desenvolvidos, embora essas questões também sejam levadas em conta, predominam os efeitos do maior crescimento da renda e da população, resultando em expansão da demanda por produtos de origem animal.

Dentre os aspectos condicionantes da demanda por alimentos cabe ressaltar também as implicações do uso intensivo de insumos e das alterações genéticas dos alimentos, não só em termos de saúde humana mas também para a sustentabilidade da própria vida na terra. Acrescente-se as variáveis de ordem social como o expressivo aumento do número de pessoas que vivem sozinhas, o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, o crescimento da renda familiar e o envelhecimento da população, fatores que levaram à maior busca de produtos prontos para o consumo.

A somatória desses efeitos acaba por se refletir sobre o comércio internacional de produtos agrícolas e, para um país como o Brasil, que tem na agricultura uma importante fonte de divisas, é importante avaliar essas tendências para melhor aproveitar suas vantagens comparativas naturais. Este trabalho teve por objetivo contribuir para isso.

Ressalve-se inicialmente que a análise não engloba todos os produtos agrícolas comercializados no mercado internacional porque a idéia é avaliar o desempenho das exportações brasileiras. Assim, somente foram incluídos os produtos pertencentes à sua pauta de exportação que, na média do período 1993-97, corresponderam a 32% do valor das importações agrícolas mundiais. Isso significa que mais de 2/3 do comércio agrícola mundial refere-se a produtos que o Brasil nem sequer registrou em sua pauta no período analisado.

O emprego do modelo que confronta importações mundiais às exportações brasileiras mostra que o país apresentou desempenho bastante fraco. Destaque-se que, na média do período 1993-97, cerca de 70% do valor de suas exportações de produtos agropecuários tiveram origem em produtos em que as importações mundiais mostraram tendência de declínio. A maior parte desses produtos, e em especial os mais importantes da pauta, como torta de soja e café em grão, registraram situação de retrocesso.

Dentre os mais importantes produtos exportados pelo Brasil, soja em grão, açúcar cristal e fumo em folha mostraram situação ainda mais crítica. Aumentaram sua participação nas exportações agrícolas do país enquanto o mundo mostrou tendência inversa, caracterizando situação de vulnerabilidade.

Vários produtos foram enquadrados na situação ótima, com destaque para suco de laranja, carne de frango e cigarros, que se encontram entre os 10 mais importantes produtos agrícolas exportados pelo Brasil e juntos representaram cerca de 16% do seu valor.

Os produtos enquadrados como oportunidades perdidas representaram pouco: 6,7% do valor das exportações agrícolas brasileiras. São eles: alimentos em conserva, mate e outros. Esses outros englobam todos os produtos cuja participação no valor das exportações brasileiras mostrou-se inferior a 0,24%. Nessa situação se encontram muitos dos produtos que vêm mostrando tendência

de expansão da demanda mundial, como peixes, frutas e legumes, processados ou não. Constituem, portanto, potenciais fontes de divisas que o país vem negligenciando até agora.

Diante das dificuldades macroeconômicas da atualidade, o Brasil precisa urgentemente de uma estratégia que resulte em aumento sustentado do ingresso de divisas. Para isso a agricultura ainda é o setor que apresenta maiores possibilidades devido às suas vantagens comparativas naturais, embora o protecionismo praticado pelos países desenvolvidos distorça as relações de trocas internacionais e diminua as vantagens das economias mais atrasadas. Como o protecionismo é mais exacerbado no comércio de cereais e grãos, a estratégia a ser traçada deve contornar esse constrangimento e propiciar estímulos a produtos selecionados pelas novas tendências da demanda mundial.

Bibliografia

AMORIM, Celso. Pelo fim do protecionismo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 fev. 2000. Disponível em: <<http://www.mre.br/acs/ clipping/jb0218.htm>>. Acesso em: 29 mar. 2000.

CARVALHO, Maria A. Competitividade da agricultura brasileira. *Pesquisa & Debate*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 51-74, set. 1996.

_____. Políticas públicas e competitividade da agricultura. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 25, 1998. *Anais...* Vitória, 1998. p. 1511-1530.

COYLE, Willian et al. Understanding the determinants of structural change in world food markets. *American Journal of Agricultural Economics*, Ames, Iowa, v. 80, n. 5, p. 1051-1062, 1998.

CRANFIELD, John A. L. et al.. Changes in the structure of global food demand. *American Journal of Agricultural Economics*, Ames, Iowa, v. 80, n. 5, p. 1042-1051, 1998.

DELGADO, Christopher et al. *Livestock to 2020: the next food revolution*. Disponível em: <<http://www.cgiar.org/ifpri/index1.htm>>. Acesso em: 27 mar. 2000.

FAJNZYLBBER, Fernando. Inserción internacional e innovación institucional. *Revista de la Cepal*, Santiago de Chile, n. 44, p. 149-178, ago. 1991.

NAÇÕES UNIDAS. FAO. *The state of food insecurity in the world*. Disponível em: <<http://www.fao.org/Focus/E/home.l.htm>>. Acesso em: 16 mar. 2000.

_____. *FAOSTAT database*. Disponível em: <<http://apps.fao.org/cgi. bin/uph-db.pl>>. Acesso em: nov. 1999 a mar. 2000.

FINKE, Michael; TWEETEN, Luther; CHERN, Wen. Economic impact of proper diets on farm and marketing resources. *Agribusiness*, Columbus, v. 12, n. 3, p. 201-207, 1996.

FLAKE, Oliver L.; PATTERSON, Paul M. *Health, food safety and meat demand*. Disponível em: <<http://agecon.lib.umn.edu/>>. Acesso em: 02 mar. 2000.

INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL – IEDI. *A pauta de exportação brasileira e os objetivos da exportação*. São Paulo: IEDI, mar. 2000. (Versão preliminar).

JOGO duro nas preliminares. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 17 mar. 2000.

JOHNSON, D. Gale. Food security and world trade prospects. *American Journal of Agricultural Economics*, Ames, Iowa, v. 80, n. 5, p. 941-947, 1998.

MANDENG, Ousmène J. Competitividad internacional y especialización. *Revista de la Cepal*, Santiago de Chile, n. 45, p. 25-42, dec. 1996.

MOON, Wanki; WARD, Ronald W. *Effects of health concerns and consumer characteristics on U.S. meat consumption*. Disponível em: <<http://agecon.lib.umn.edu/>>. Acesso em: 02 mar. 2000.

NOGUEIRA JÚNIOR, Sebastião et. al. *Alimentação animal: realidade e perspectivas*. São Paulo: SAA, 1997. 95 p. (Coleção Cadeias de Produção da Agricultura, 4).

OMC não obtém consenso sobre fim do protecionismo agrícola. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 out. 1999. p. 2-4.

PINSTRUP-ANDERSEN, Per; PANDYA-LORCH, Rajul; ROSEGRANT, Mark W. *World food prospects: critical issues for the early twenty-first century*. Disponível em: <<http://www.cgiar.org/ifpri/index1.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2000.

SCANDIZZO, Pasquale L. *Growth, trade and agriculture*. Roma: FAO, 1998. 91p.

SCHLUTER, Gerald; LEE, Chinkook; LEBLANK, Michael. The weakening relationships between farm and food prices. *American Journal of Agricultural Economics*, Ames, Iowa, v. 80, n. 5, p. 1134-1138, 1998.

TARIFA EXTERNA COMUM – TEC. 2.ed. São Paulo: Aduaneiras, 1996. 333p.

YATOPOULOS, Pan A. Middle-income classes and food crises: the “new” food-feed competition. *Population and Development Review*, Chicago, v. 11, n. 1, p. 463-483, Mar. 1985.

WANG, Guijing; FLETCHER, Stanley, M; CARLEY, Dale H. *Determinants of demand for beef: the impact of fat trimming*. Disponível em: <<http://agecon.lib.umn.edu/>>. Acesso em: 02 mar. 2000.